

Gênero como Categoria Condicionante de Delimitações Espaciais: uma análise da trajetória feminina na pós-graduação e produção do conhecimento

Gender as Category Condition Delimitations Space: an analysis of women's path in postgraduate education and knowledge production

Luciane Gomes Lopes

Universidade Federal de Rondônia - Brasil
ciane_ro@hotmail.com

Resumo

Este artigo se trata de uma análise sobre os aspectos que caracterizam gênero como fator de delimitações espaciais. Objetivamos investigar a pós-graduação, no que tange às diferenças existentes entre os gêneros masculino e feminino, do Mestrado em Geografia da Universidade Federal de Rondônia, levantando dados referentes às turmas de 2006 a 2009. A pesquisa classificou-se como descritiva, desenvolvida a partir de um estudo de caso, realizado sob métodos de análises qualitativas e quantitativas, mediante aplicação de questionários e entrevistas. Constatamos que mulheres optam mais por cursos voltados às áreas sociais, da saúde e educação e que estas chegam nesse nível com idade superior a dos homens. O espaço da Pós-Graduação é caracterizado por diferenciações de participação e tomadas de decisões entre homens e mulheres.

Palavras-Chave: Geografia; Gênero; Ciência.

Abstract

This article is in an analysis of the aspects that characterize gender as a factor of spatial boundaries. This study aimed to investigate, with respect to differences between the male and female genders, the postgraduate education in the MSc in Geography, Federal University of Rondônia, collecting data on classes from 2006 to 2009. The research was classified as descriptive, developed from a case study conducted under methods of qualitative and quantitative analysis, through questionnaires and interviews. We found that most women opt for courses directed to social sectors, health and education, and they arrive at that level in an older age than men. The space of Postgraduate Studies is characterized by differences in participation and decision making between men and women.

Keywords: Geography; Gender; Science.



Introdução

A trajetória feminina no campo científico vem tornando-se mais expressiva, fato que proporciona às mulheres modernas o prosseguimento em rumos diferenciados, marcados pela evolução de sua participação no meio ao qual estão inseridas. A cada dia que passa essas mulheres vem alcançando sua ascensão na vida social e profissional, fato que não erradica a ocorrência da diferenciação sociocultural atribuída aos diferentes gêneros.

Em pleno século XXI, a função atribuída culturalmente ao feminino, de que a mulher é a responsável pelo cuidado da família e do lar ainda está presente. Essa característica, historicamente construída está tão enraizada que, mesmo as mulheres adquirindo mais responsabilidades e mais espaços no campo profissional e social, não foi excluída totalmente.

No campo científico não é diferente, sabe-se que as primeiras universidades surgiram no transcurso do século XII, mas foi somente a partir do século XIX que foi permitida a participação feminina na academia. As mulheres foram historicamente excluídas do processo científico e de produção do conhecimento.

As distribuições dos poderes e das posições no âmbito social estão estratificadas quanto às diferenças de gênero. Um conjunto de entraves é formado por essas formas de se conviver em uma sociedade hierarquizada, as quais são aludidas principalmente às mulheres, que vêm buscando cada vez mais seu espaço e igualdade de direitos em relação aos homens.

O processo de exclusão do gênero feminino dos setores sociais inicia-se inclusive no ramo científico. A ciência foi considerada historicamente como um campo do conhecimento utilizado basicamente por homens. Às mulheres, o meio científico foi

velado, atribuindo-se a estas a responsabilidade de zelar pela família e pelo lar.

A pesquisa classificou-se como descritiva, na qual buscamos basicamente descrever o Programa de Pós-Graduação Mestrado em Geografia, alguns aspectos de seu funcionamento, focalizando principalmente para a caracterização e descrição do quadro de alunos que compõe esse Programa, a partir das diferentes atuações imputadas pelas representações de gênero, verificando-se, a partir disso, as produções científicas dos mesmos e se estas são desenvolvidas de maneira diferenciada entre os homens e as mulheres que compõe esse Programa.

A mesma consiste, também, em um estudo de caso. A partir deste, nos foi possível compreender mais a respeito do caso que investigamos, uma vez que a mesma pode:

Fornecer explicações no que tange diretamente ao caso considerado e elementos que lhe marcam o contexto. A denominação refere-se evidentemente ao estudo de um caso, talvez o de uma pessoa, mas também o de um grupo, de uma comunidade, de um meio, ou então fará referência a um acontecimento especial. A vantagem mais marcante dessa estratégia de pesquisa repousa, é claro, na possibilidade de aprofundamento que oferece, pois os recursos se veem concentrados no caso visado. (LAVILLE E DIONNE, 1999, p. 155).

Métodos de análise quantitativos e qualitativos compuseram a forma metodológica de abordagem do problema, uma vez que foram utilizados métodos de análise qualitativa e quantitativa, questionários e entrevistas:

A pesquisa qualitativa tem um processo de reflexão e análise da realidade através da utilização de métodos e técnicas para compreensão detalhada do objeto de estudo em seu contexto histórico e/ou segundo sua estruturação. (SIENA, 2007, p. 63).

Já no que se refere à pesquisa quantitativa, de acordo com Siena (2007) esta é caracterizada pelo emprego da quantificação tanto nas modalidades de coleta de informações quanto no tratamento destas por meio de técnica estatística. A pesquisa quantitativa é muito utilizada em estudos descritivos e busca classificar e compreender os fatos ocorrentes no nosso caso, os que ocorrem no Mestrado em Geografia, de forma objetiva e precisa.

Para a coleta de dados foi feito um levantamento do Programa de Pós-Graduação em Geografia desta instituição (pesquisa documental), no qual se buscou dados informativos a respeito do mesmo, a saber: data de implantação, quantidade de alunos matriculados e de titulados pelo Programa. Posteriormente, partimos para a segunda etapa de nossa pesquisa, na fase de elaboração dos instrumentos da pesquisa, os questionários, os quais após serem aplicados aos alunos nos forneceram os dados sujeitos às análises.

Dentre os procedimentos executados encontra-se a aplicação de questionários e entrevistas aos alunos que compõem o Programa de Pós-Graduação em Geografia da UNIR, os quais após coletados, foram analisados a fim de verificarmos os dados cabíveis aos nossos objetivos de estudo.

Para a aplicação dos questionários utilizamos o tipo de análise não probabilístico e por acessibilidade. Essa população amostral refere-se a uma parte do universo/população escolhido, seguindo como critério de seleção:

ser ou ter sido acadêmico ou acadêmica do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Rondônia, no período entre os anos de 2006 a 2009.

De acordo com Vergara (2004), da amostra não probabilística destacam-se aquelas selecionadas por acessibilidade e por tipicidade, no caso de nossa pesquisa, a amostra foi selecionada por acessibilidade, que longe de qualquer procedimento estatístico, seleciona elementos pela facilidade de acesso a eles. No caso da pesquisa, pelo acesso a informações advindas de colaboração dos discentes do PPG, que tiveram seu direito preservado, de colaborar ou não com a pesquisa.

Quanto à aplicação das entrevistas, os critérios para se realizar foram os de acessibilidade e tipicidade. De maneira geral, por acessibilidade uma vez que convidamos aleatoriamente os discentes para que participassem da pesquisa, a fim de que pelo menos dois do sexo feminino e dois do sexo masculino de cada ano de funcionamento do PPG, entre 2006 a 2009, se dispusessem a participar. E desta população alvo, selecionamos por tipicidade elementos que consideramos representativos, os quais são os representantes de turma de cada ano do PPG.

A amostra de análise para nossa pesquisa embasou-se em um quantitativo de 30 questionários e 10 entrevistas, ambos aplicados aos discentes, por tipicidade e acessibilidade, no caso no que se refere à tipicidade ser discente do PPG no período de 2006 a 2009, e por acessibilidade considerando colaborar com sua participação para a pesquisa.

Gênero: Categoria de Delimitações Espaciais

Estudar as relações de gênero implica em compreender as formas como os indivíduos ocupam e produzem seus espaços na

sociedade. Essas são representadas a partir de imputações de características e padrões estabelecidos por estereótipos criados cultural e historicamente, as quais culminam em limitações estabelecidas ao gênero masculino e feminino.

Os estudos feministas e de gênero compõem uma nova abordagem da geografia, a geografia feminista. Esta passa a fazer parte e colaborar, dentre outros, com estudos da geografia cultural. A geografia feminista enquadra-se como uma nova perspectiva de análise que ainda é questionada sobre sua validade frente sua diferenciação e particularidade se comparada à ciência geográfica tradicional. Esta de acordo com Christofolletti (1985, p. 13) era “destituída de todo aparato teórico e explicativo para as atividades humanas” considerava em seus estudos a diversidade da superfície terrestre através de estudos regionais que se restringiam a definições simples das regiões.

Os estudos sobre gênero se enquadram na geografia justamente pelo fato de essas formas de relações estarem presentes na dinâmica de produção do espaço a partir das relações sociais, que se modificam constantemente e interferem na configuração socioespacial a que pertencem. De acordo com Joseli Silva:

A dimensão relacional que a ideia de gênero concebe é a compreensão de que os seres não estão isolados e estáticos e os recortes sociais estabelecidos no processo de pesquisa devem ser considerados de forma relacional e processual na estrutura socioespacial a que pertencem. (2010, p. 40).

O estudo das relações de gênero pode ser feito sob a perspectiva da Nova Geografia, que de acordo com Christofolletti (1976) preocupa-se em focalizar as organizações

espaciais como produto das relações entre o homem e o meio. Deve verificar as maneiras pelas quais o homem percebe o espaço, ou como ele se comporta perante o espaço. Sendo essas tomadas de decisões fatores que determinam as relações de gênero.

O referido autor adota 'o homem' em seus escritos, mas sabemos que o espaço não é ocupado somente por indivíduos do sexo masculino, mulheres também o compõem e são agentes, da sua maneira, tanto no que se refere às relações sociais quanto à produção desse espaço. Portanto, homens e mulheres se comportam diferentemente nesse espaço, e têm uma forma de percepção também diferenciada, e é sob esse aspecto que se inserem as relações de gênero como formas de organização espacial.

Partindo desse pressuposto avaliamos a categoria gênero a partir de dois conceitos:

a) *Espaço*: Compreender o espaço social e as relações que nele ocorrem se torna uma tarefa interminável de análise e reconstruções de ideias, uma vez que estas relações são dinâmicas e temporais. As relações sociais são agentes que moldam a estruturação do espaço, cada membro desse espaço social, através de seu conjunto de atividades, estará influenciando no desenvolvimento do espaço. E nessas relações estão inclusas as relações de gênero.

(...) o espaço evolui por suas características e por seu funcionamento, pelo que ele oferece a alguns e recusa a outros, pela seleção de localização feita entre as atividades e entre os homens, é o resultado de uma práxis coletiva que reproduz as relações sociais. (...) o espaço evolui pelo movimento da sociedade total. (SANTOS, 1987, p. 71).

Ainda de acordo com o autor (1997),

pode-se dizer que variados processos influenciam na organização do espaço social, dentre eles: econômicos, institucionais e culturais. Cabe salientar, ainda, a forma como Santos, ao fazer a referida análise, acaba por reduzir a atuação de homens e mulheres no meio social somente à atuação masculina, quando utiliza o termo 'homens' para representar os seres humanos. Fato constantemente verificado, principalmente, no campo teórico tradicional.

Ainda quanto à organização do espaço social, compreendê-la implica não somente em analisar o espaço em si, mas sim as relações sociais do cotidiano. De acordo com Werllen (2000, p. 21) “o objetivo da geografia humana fenomenologicamente fundamentada não deve ser mais o de analisar somente o espaço, mas principalmente as relações do cotidiano, produzidas pela ação social”, dentre as quais se inserem as relações de gênero. As diferenças impostas a homens e mulheres são construídas social e culturalmente, devendo fazer parte do campo de estudo da Geografia.

O espaço social para Armand Frémont (1980) é também um espaço vivido, trata desse como um objeto de estudo em comum da sociologia e da geografia. É no espaço social onde os indivíduos ou grupos movidos por interesses entrarão em oposições, confrontos ou colaborações:

O espaço social não é neutro. O jogo social desenrola-se, do indivíduo ao grupo ou entre grupos, segundo relações que se denominam tensões, oposições, lutas, ou então solidariedades, colaborações ou compromissos. E deste jogo, impulsionado pelos interesses materiais, são as oposições de classe que dão a regra. (1980, p. 36).

Sob esses aspectos, verificamos que as relações sociais de gênero, instauradas culturalmente fazem parte da série de fatores que contribuem para a caracterização do espaço. Limitações e características impostas às mulheres e aos homens historicamente vão delimitar a forma como cada um ocupará determinado espaço social.

b) *Cultura*: Há muito tempo verificou-se que questões condicionadas ao gênero culminaram em resultados não positivos ao estabelecimento do sexo feminino na sociedade. Frémont (1980), ao citar em sua obra o exemplo das cidades e das aldeias do Islão contribuiu para a compreensão da segregação dos seres no espaço:

No mesmo plano, o espaço vivido das mulheres distingue-se dos homens. (...) O espaço é constituído por um encaixe de células fechadas solitárias umas das outras, mas cuidadosamente distintas: a cidade, a casa, o quarto (...). As mulheres vivem em círculos muito estreitos, quase secretos, entre a casa familiar, o banho, algumas lojas vizinhas. Os homens acedem um espaço muito mais amplo (...). (FRÉMONT, 1980, p.178).

Essa diferenciação de ocupações de espaços sociais estende-se às mais variadas culturas, não só a citada no exemplo de Frémont (1980), mas também nas ocidentais e dentre tantas que diferem atribuições bem como lugares a serem ocupados por homens e por mulheres.

No campo das análises de Geografia Cultural, cabe, aqui, discorrermos sobre o conceito de cultura. Trata-se de uma construção social particular a determinados grupos da sociedade. De acordo com Linda McDowell (1996):

Cultura é um conjunto de ideias, hábitos e crenças que dá forma às ações das pessoas e à sua produção de artefatos materiais, incluindo paisagem e o ambiente construído. A cultura é socialmente definida e socialmente determinada. Formas culturais são expressas nas vidas de grupos sociais que articulam, expressam e contestam esses conjuntos de opiniões e valores, que são eles próprios específicos no tempo e no espaço. (1996, p. 161).

A Geografia Cultural traz no bojo de suas análises uma diversificação de objetos do cotidiano, de representação da natureza, construção social e de identidades baseadas em lugares:

O lugar, tanto quanto o espaço, foi atrelado à noção de performatividade, transformando a ideia de pré-existência e fixidez para a noção de lugares que são construídos a partir de performances [...]. A nova Geografia Cultural tendeu a superar a apreensão das paisagens através dos elementos materialmente evidentes e trouxe para o foco de estudos as atividades da vida cotidiana, provocando o crescimento da afinidade até então inexistentes entre ambos os campos de estudos. (SILVA, 2008, p. 231).

Logo, constata-se que a cultura produz as características do lugar, conforme Silva (2008) as performances referem-se ao conjunto de relações sociais que segregam e delimitam as ocupações dos lugares. O que culmina como resultado do significado do que é ser homem e do que é ser mulher são as relações de poder que se constroem em determinados ambientes sociais, formando

espacialidades diferenciadas pelas condições de gênero.

A geografia cultural se insere na perspectiva humana desta ciência, com um dinamismo diferenciado da geografia tradicional. Busca a compreensão das relações entre o ser humano e o meio, de seu mundo vivido como ambiente das relações cotidianas, carregado de experiências e de simbolizações, baseado em sentidos e valores.

Contudo, as relações de gênero, influenciadas por atitudes relacionais preestabelecidas, colaboram para a construção de um espaço social possuidor de distinções, no que se refere às delimitações atribuídas a homens e mulheres.

Participação Feminina nos Espaços da Ciência e de Produção do Conhecimento

Verifica-se historicamente a exclusão feminina de determinados espaços da sociedade, a exemplo os da educação.

A atribuição de diferenças aos sexos é unicamente formada por fatores biológicos. O fato de haver diferentes constituições genéticas entre homens e mulheres não influenciará nas formas como estes irão se posicionar na sociedade. As demais diferenças atribuídas a ambos são meras construções sociais elaboradas para caracterizar o que é masculino e o que é feminino, fator que acaba por condicionar os espaços a serem ocupados por mulheres e homens, levando elas a permanecer mais nos espaços privados e aos homens nos espaços públicos. Costuma-se atribuir a mulher o papel da dona de casa, dedicada ao zelo do lar e da família, já ao homem, associa-se o papel de trabalhar fora para manter o sustento da família. Essas construções implicam em diferentes posições a serem ocupadas na sociedade por homens e mulheres, o considerado culturalmente 'sexo frágil' é

desprivilegiado.

As características imputadas a elas, tradicionalmente, adquiriram ao longo dos anos a capacidade de influenciar na escolha das áreas de atuação profissional. Dessa maneira, nota-se a grande participação de mulheres em cursos considerados tradicionalmente femininos como: Enfermagem, Serviço Social, Pedagogia e outros cursos ligados à educação. De acordo com dados do IBGE, as mulheres que possuem nível superior completo têm um rendimento equivalente a 60% do recebido pelos homens com o mesmo nível de escolaridade. No que diz respeito à população trabalhadora feminina, 51, 3% possuíam 11 anos ou mais de estudo em janeiro de 2003, contra 59,9% em janeiro de 2008. Entre os homens, esses mesmos níveis de escolaridade eram de 41,9% e 51,9%, respectivamente, em janeiro de 2003 e 2008.

Constata-se, atualmente, uma progressiva presença feminina no campo do ensino superior e da pós-graduação. De acordo com informações obtidas do sistema de Coleta de Dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior do Ministério da Educação (CAPES/MEC), cresce número de mulheres com título de pós-graduação. As mulheres vêm aumentando a participação no cenário da pós-graduação brasileira. Tal crescimento se reflete em um cenário positivo para a história da pós-graduação no Brasil, porém, mesmo com uma maior participação feminina no campo científico, nota-se que valores e ideias do passado atribuídas culturalmente ainda estão presentes na atualidade, fator comprovado pela maior participação de mulheres em áreas como da saúde e educação, ou seja, áreas humanas, já os homens vêm seguindo os modelos tradicionais fixando-se nas áreas exatas.

Tem-se a representação do indivíduo do sexo masculino como se este seja mais forte, mais inteligente, dinâmico e corajoso, já ao

sexo feminino são atribuídas características como frágil, dócil, organizado e paciente. Essas diferenças impostas refletem nas categorias dos espaços a serem ocupados por homens e mulheres, a eles são garantidas posições de maior status social, melhores empregos e salários mais altos. No que se refere ao acesso às instruções, vale ressaltar o fato de as universidades terem se mantido com as portas fechadas para as mulheres por aproximadamente oito séculos. As condições impostas às mulheres na sociedade foram historicamente construídas. Longos períodos marcados por exclusão e discriminação impediram que elas pudessem participar ativamente de diversos espaços da vida pública, principalmente nas universidades.

Sem direitos civis e públicos passaram a reivindicar condições igualitárias entre homens e mulheres, não igualdade de forças, mas sim igualdade de direitos dando origem a movimentos como o Feminismo.

A partir da luta das mulheres nos movimentos feministas, a participação das mulheres nos campos universitários adquiriu maior expressividade, aumentou a busca por uma participação nos espaços diferentes àqueles anteriormente a elas restritos como os espaços do lar e os cuidados com a família.

Com isso, tornou-se possível a composição de novas formas de produção de conhecimentos científicos, contribuindo para uma desarticulação da ciência androcêntrica atribuindo maior importância aos campos dos saberes científicos relacionados ao conhecimento e aos estudos das relações de gênero. O androcentrismo considera o ser humano do sexo masculino como centro do universo, como o único capaz de se impor e ditar regras e leis para dominar e organizar o mundo.

Anterior a essa participação feminina nas universidades, as mulheres eram afastadas dos campos dos saberes científicos, tanto no que se refere a pesquisas e estudos elaborados

por elas, quanto serem essas analisadas como objeto de estudo. A história androcêntrica, demonstrada no ensino Fundamental e Médio, é uma história sem mulheres, exclusivamente masculina. (MORENO, 1999). Fatores relacionados à academia eram predominantemente masculinos.

Com o acesso à Academia as mulheres romperam paradigmas e barreiras que antes as excluíram durante séculos. As primeiras universidades foram criadas na Europa por volta do século XII, estas se mantiveram proibidas às mulheres até aproximadamente o século XX. A primeira Universidade a admitir mulheres como estudantes foi a de Zurique em 1865, (YANNOULAS, VALLEJOS, LENARDUZZI, 2000, p. 434).

Atualmente pode-se avaliar que ainda existem diversificações no que se refere às áreas 'escolhidas' por eles e por elas. Os campos dos saberes científicos são divididos no que se refere ao gênero. Há uma predominância de participação feminina em estudos universitários que encaminharão às profissões menos privilegiadas, com salários mais baixos, enquanto aos homens são garantidas mais vantagens profissionais e conseqüentemente financeiras. Ainda que comparando trabalhadores que possuem o nível superior, o rendimento das mulheres é cerca de 60% do rendimento dos homens, indicando que mesmo com grau de escolaridade mais elevado as discrepâncias salariais entre homens e mulheres não diminuem. (IBGE, 2008).

Caracteres de gênero irão compor as estruturas e delimitar as posições hierarquicamente na ciência. Vale salientar que são poucas as mulheres que ocupam cargos de prestígio e de tomadas de decisões

nas instituições em que trabalham fator esse advindo dos métodos educacionais, favorecendo para uma distribuição desigual de poderes. A educação compõe-se então a partir de um processo generificado:

Os espaços destinados às mulheres são diferentes dos destinados aos homens. Elas e eles estão circunscritos em espaços diretamente opostos. Essa topografia vem confirmar uma divisão de circulação, atuação, segundo os sexos, nas várias instâncias da sociedade capitalista ocidental. Parece que há, assim, um território distinto para cada um, pois raramente um ultrapassa os domínios do outro. É nesses lugares que as práticas sociais estão sendo exercidas e naturalizadas. (TONINI, 2006, p. 254).

Aos poucos, as mulheres vêm desconstruindo a tradição da Universidade como um espaço masculino e conquistando uma maior participação no mercado de trabalho, mantendo-se na maioria das vezes dividida entre os trabalhos do lar e da maternidade, papel atribuído a elas tradicionalmente e as atividades acadêmicas:

A ideia de que as meninas teriam mais propensão às artes e à literatura (facilidade nas disciplinas articuladas à sensibilidade e emoção), enquanto os meninos apresentariam mais aptidão nas ciências, devido a sua maior racionalidade, permeia o imaginário coletivo dos espaços escolares. Esse tipo de visão acaba se convertendo em uma espécie de profecia autorrealizável, em que todos os casos 'desviantes' não são devidamente estimulados. Essa

tendência tem reflexos fundamentais na segmentação ocupacional observada nos cursos universitários. (GUEDES, 2008, p. 120).

Essa nova geração de mulheres passa a estabelecer novos moldes nas relações sociais, agora, participando mais ativamente, chegando cada vez mais próximo de alcançar a equidade entre os gêneros. Além disso, passam a ocupar com maior frequência as vagas universitárias de maior prestígio, consideradas até então masculinas.

O fato de as mulheres estarem procurando melhores posições no mercado de trabalho influenciará na permanência e na continuidade que elas darão na sua vida acadêmica, dessa maneira é perceptível uma maior concentração feminina em cursos de pós-graduação. No que se refere às participações masculinas nota-se um maior abandono ou distanciamento da vida acadêmica, fator que pode ser influenciado pela figura tradicionalmente construída do homem como responsável pelo sustento da família, pela possível necessidade de se dedicar ao trabalho remunerado. (GUEDES, 2008).

É relevante a avaliação da forma como as relações de gênero irão influenciar na carreira científica masculina e feminina. Porém, a ausência de mulheres na produção de conhecimento, principalmente em estudos relativos ao gênero e a ciência torna-se um meio a contribuir ainda mais para a não predominância do estudo desses fatos na historiografia.

A participação das mulheres nos Programas de Pós-Graduação é resultado da ruptura de determinados paradigmas socialmente construídos, uma luta por equidade que instaura novas características e elementos no quadro social. Tal fato proporcionou diferenciações no que se refere à elaboração de pesquisas e grau de

satisfação, relacionados à produção de conhecimento, bem como na ocupação de alguns postos em ambientes profissionais.

Relações de Gênero na Produção do Conhecimento: Um Estudo de Caso do Mestrado em Geografia da Universidade Federal de Rondônia

Para um levantamento de dados referente a discentes do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Geografia da Universidade Federal de Rondônia trabalhamos com aplicação de questionários tanto para alunos e alunas em atividade durante a pesquisa quanto para os/as que já haviam concluído, que compuseram o quadro de discentes do Programa no período de 2006 a 2009.

Desde o período de instalação do Programa, em 2006, até 2009 houve um quantitativo de 76 alunos/as matriculados/as. A partir de uma coleta quantitativa de dados fizemos um levantamento do número de participantes por ano quanto ao sexo. Na turma de 2006, dos 26 componentes 17 são mulheres.

Verificamos uma maior presença feminina no quadro de discentes do PPG neste período. O número nos faz acreditar em um salto positivo e de possível transformação do espaço acadêmico, agora se mostrando mais acessível às mulheres do que há alguns anos atrás. Dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior do Ministério da Educação (Capes/MEC) comprovam essa progressiva presença feminina no campo, tanto do ensino superior quanto da pós-graduação.

No que se refere aos/as matriculados/as no ano de 2007, há também um maior número de alunas compondo a turma. Verifica-se que dos 20 alunos/as que ingressaram no PPG nesse ano 11 são mulheres e 09 homens, continuando o sexo feminino a predominar entre integrantes do mesmo, com uma

representação de 55% do total.

No ano de 2008, o cenário do PPG se diferencia dos dois anteriores. Verifica-se uma participação até equilibrada entre os pares masculino e feminino, no que se refere ao número de matriculados/as. Dos quinze matriculados/as em 2008, 08 (oito) são homens e 07 (sete) são mulheres. Sendo esta turma a que apresenta uma menor disparidade no que se refere à participação masculina (57%) e feminina (43%).

No ano de 2009, há um maior número de homens do que de mulheres matriculados. Somente três, dos quinze aluno/as da turma de 2009, são do sexo feminino, representando o equivalente a 20% do total.

Considera-se relevante como requisito de avaliação a forma como a mulher se enquadra nesse espaço da Pós-Graduação, bem como o fato de que somadas as quatro turmas analisadas do Programa as mulheres representarem uma maioria. Levantamos que dos 76 (setenta e seis) participantes no período em análise, 38 são mulheres e 38 são homens. Porém, quando se trata da representação estudantil eleita pelos próprios discentes, a cada ano, somente em uma dessas turmas foi eleita uma representante, a qual se trata da turma do ano de 2009, formada por uma maioria masculina, considerando que 80% dessa turma é composta por homens. Cabe ressaltar que, nesse processo, foram eleitos dois representantes do sexo masculino, mas como no dia da posse um destes se ausentou houve outra escolha para representação, elegendo-se então uma mulher.

O que ocorre neste PPG remete ao fato da tradição de uma cultura formadora de paradigmas impostos às mulheres e aos homens, características de liderança sempre estiveram mais relacionadas ao perfil masculino do que ao feminino.

No entanto, há um equilíbrio quanto à formação do Mestrado em Geografia quando

analisamos seus discentes em um conjunto, agrupando-se todos os matriculados/as no Programa, desde sua implantação até o ano de 2009, pois obtivemos um número exatamente igual entre o referido grupo. Dos 76 alunos/as que fizeram e fazem parte do PPG 38 são do sexo feminino e 38 do sexo masculino. Mas mesmo a presença feminina sendo igual à masculina, no que se refere ao número de matriculados/as, a forma como a mulher vai desenvolver suas atividades acadêmicas diferencia-se da forma como os homens irão fazê-las. A partir da análise dos questionários que nos foram devolvidos devidamente respondidos, foi possível verificar quais fatores podem causar essa diferenciação. Foram enviados 61 questionários para alunos/as que estão cursando e que já concluíram o mestrado, destes nos foi retornado um total de 30, a partir dos quais realizamos as devidas análises com o fim de levantar dados referentes à produção científica destes pesquisadores e pesquisadoras, identificar os possíveis entraves no exercício das atividades acadêmicas e também, verificar se há satisfação ou não quanto à sua participação neste Programa de Pós-Graduação.

É importante ressaltar que de 30 discentes do Mestrado em Geografia que devolveram os questionários devidamente respondidos, 12 são do sexo masculino e 18 do sexo feminino. Com isso, para obtenção de dados para a elaboração do relatório contamos com um grupo de 30 participantes que colaboraram com a pesquisa.

Logo, a amostra foi definida pelo critério de acessibilidade (VERGARA, 2004), sendo composta por 30 discentes do Mestrado em Geografia da UNIR, 12 do sexo masculino, representando um total de 40%, e 18 do sexo feminino, representando um total de 60%.

A partir da aplicação dos questionários nos foi possível traçar um perfil desses/as discentes, pois, no mesmo, constaram

perguntas de caráter pessoal, a saber: idade, estado civil, condição financeira, se participou ou não de iniciação científica, como concilia a dupla jornada (família e pesquisa), dentre outras.

Tabela 1. Faixa etária dos discentes do PPG.

IDADE DOS DISCENTES DO PPG		
FAIXA ETÁRIA	HOMENS	MULHERES
Mais de 30 anos	67%	72%
Menos de 30 anos	33%	28%

Fonte: Pesquisa: Gênero na Pós-Graduação: um estudo de caso do Mestrado em Geografia da Universidade Federal de Rondônia.

A pesquisa constatou que, em se tratando de faixa etária, as mulheres são a maioria a chegar ao espaço da Pós-Graduação com idade superior a 30 anos. Das 18 mulheres que colaboraram com a pesquisa, 13 ingressaram no Programa com mais de 30 anos de idade. No que se refere aos homens, 08 dos 12 que estão colaborando com a

pesquisa, até o momento, estão acima da faixa etária dos 30. Constatou-se, inclusive, que quanto ao estado civil, 50% das mulheres são solteiras, 44% casadas e 06% afirmaram outros tipos de condição, a exemplo, morar junto com companheiro. Dos homens, um

total de 50% também é solteiro, 42% casados e 8% na condição representada por outros.

No que se refere ao aspecto da condição financeira, os homens são a maioria a afirmar trabalhar e ser o principal responsável pelo sustento da família, dos doze colaboradores, oito afirmaram esta condição. Ainda sobre essa mesma opção de resposta, somente uma mulher afirmou ser a principal responsável pelo sustento da família. No quadro feminino desses discentes a maioria afirmou trabalhar e contribuir com o sustento da família.

A fim de melhor compreendermos como se dá a conciliação da vida acadêmica com a

Tabela 2. Condição Financeira.

CONDIÇÃO FINANCEIRA		
OPÇÕES	HOMENS	MULHERES
Não trabalha e os gastos são financiados pela família	08%	17%
Trabalha e recebe ajuda da família	-	-
Trabalha e se sustenta	08%	28%
Trabalha e contribui com o sustento da família	08%	39%
Trabalha e é o principal responsável pelo sustento da família	67%	05%
Outros	-	11%

Fonte: Pesquisa: Gênero na Pós-Graduação: um estudo de caso do Mestrado em Geografia da Universidade Federal de Rondônia.

Tabela 3. Como concilia a dupla jornada (família e pesquisa).

COMO CONCILIA A DUPLA JORNADA (FAMÍLIA E PESQUISA)?		
Opções	Homens	Mulheres
Dedica-se exclusivamente à pesquisa	16%	17%
Divide ambas as atividades com companheiro/a	25%	39%
Divide ambas com família e outros	17%	22%
Assume todas as responsabilidades	25%	17%
Outros	17%	05%

Fonte: Pesquisa: Gênero na Pós-Graduação: um estudo de caso do Mestrado em Geografia da Universidade Federal de Rondônia.

vida familiar destes discentes constou em nosso questionário a questão mencionada na tabela anteriormente apresentada (tabela 3): 'como concilia a dupla jornada (família e pesquisa)?'.

A mesma apresentou opções de resposta como se a dedicação do colaborador/ora é/foi exclusiva à pesquisa, se dividem as atividades ou se assumem todas as responsabilidades. A partir disso, observamos que ainda permanece certo equilíbrio entre alunos/as que compõem o PPG analisado. Porém, das 18 mulheres que colaboraram com a pesquisa, 11 dividem as atividades com companheiro ou com a família e, quantos aos homens 05 afirmam a mesma condição, o que pode ser explicado devido ao fato de ser atribuído à mulher o papel de mantenedora pelo zelo da família e do lar, então, essa jornada passa a tornar-se tripla, uma vez que as atividades realizadas dividem-se entre família + pesquisa + trabalho, explicando-se por isso a divisão por parte de maioria delas, das atividades com companheiro ou com a família. Quanto à

dedicação exclusiva à pesquisa e responsabilização por todas as atividades a diferença entre eles e elas é moderada.

A partir das entrevistas constatamos que ocorre, no cotidiano destes acadêmicos e acadêmicas, uma conciliação entre a pesquisa e demais atividades como as do lar ou trabalho fora de casa. As mulheres citam entre suas atividades:

*"Cuidar do marido, e da casa. Sou casada".
(Ex-aluna do mestrado em Geografia, turma 2008); e "*

*Não consegui liberação do trabalho e por esse motivo organizei estratégias de modo que não prejudicassem nenhuma das duas atividades, foi difícil, mas consegui chegar".
(Ex-aluna do mestrado em Geografia, turma 2007).*

Já no que se refere à participação

masculina, verificamos que estes citam entre as atividades exteriores às do PPG, o trabalho fora de casa, não mencionando trabalhos relacionados ao dia a dia com a família. Dentre as atividades mencionadas por homens citam:

“Trabalho e tento conciliar isso com o desenvolvimento da pesquisa”. (Aluno do mestrado em Geografia, turma 2009).

A partir de um levantamento adquirido através da aplicação dos questionários no que diz respeito da participação em iniciação científica, avaliamos a participação destes/as discentes. Sendo que a mesma trata-se de um encaminhamento para a pesquisa em um Programa de Pós-Graduação. Relatos de ex-alunas do PPG em Geografia nos auxiliam nessa compreensão quando perguntamos a elas sobre o que as influenciou para que ingressasse no PPG:

“Por atuar em pesquisa, essa é uma caminhada absolutamente normal”. (Ex-aluna do mestrado em Geografia, turma 2006); e

“O fato de já está desenvolvendo atividades de pesquisa desde o início da graduação e para dar continuidade à formação acadêmica”. (Ex-aluna do mestrado em Geografia, turma 2008).

Notamos, dessa maneira, como a iniciação científica é relevante à trajetória de pesquisa de um acadêmico ou acadêmica, por iniciá-los na atividade de pesquisa.

Tabela 4. Participação em Iniciação Científica.

OPÇÕES	HOMENS	MULHERES
SIM	25%	39%
NÃO	67%	61%
NÃO INFORMOU	08%	-

Fonte: Pesquisa: Gênero na Pós-Graduação: um estudo de caso do Mestrado em Geografia da Universidade Federal de Rondônia.

A participação em Iniciação Científica é inferior a não participação tanto por parte dos homens quanto por parte das mulheres, de acordo com os dados obtidos a partir dos trinta questionários que obtivemos devidamente respondidos pelos colaboradores/as da pesquisa.

Tabela 5. Participação em grupos de pesquisa da UNIR.

OPÇÕES	HOMENS	MULHERES
SIM	58%	72%
NÃO	25%	28%
NÃO INFORMOU	17%	-

Fonte: Pesquisa: Gênero na Pós-Graduação: um estudo de caso do Mestrado em Geografia da Universidade Federal de Rondônia.

Quanto à participação em grupos de pesquisa da Universidade Federal de Rondônia – UNIR, maior parte deles e delas afirmou a questão. As mulheres são maioria no que tange a questão analisada, fator que mostra positivamente com elas parecem estar buscando mais a participação no espaço acadêmico e de produção do conhecimento.

Considerações Finais

Mesmo tendo garantido esse direito de acesso às instruções ainda são grandes os obstáculos enfrentados pelas mulheres na vida acadêmica e científica. Estes são advindos de rotulações pré-estabelecidas de diferentes tempos históricos. Constatou-se que o espaço da Pós-Graduação é caracterizado por diferenciações de participação e tomadas de decisões entre homens e mulheres que já tem uma expectativa dessa forma relacionamento, escolha e atuação perceptivelmente pré-estabelecida.

Por esta concepção, as mulheres biologicamente geradoras ficavam excluídas de toda atividade culturalmente produzida porque estavam excluídas da ação e não tinham palavra própria. Ao longo dessa trajetória feminina nos campos universitários verificou-se uma maior participação das mulheres em áreas científicas voltadas aos serviços sociais, educação e saúde. Notadas por possíveis orientações e influências da sociedade, isso pelo fato de os modelos de conduta atribuídos às mulheres serem transmitidos a elas desde a infância e quando passam a fazer parte de ambientes como a escola e depois as universidades já têm em mente um modelo que já lhe foi pré-estabelecido.

No Programa de Pós-Graduação em questão verificamos o mencionado fato, pois dentre esses alunos/as, as mulheres representam a maioria a chegar à Pós-Graduação com idade superior a 30 anos. Além disso, os homens consideram-se serem os principais responsáveis pelo sustento da família, já as mulheres afirmam, em sua maioria, trabalhar e contribuir com o sustento da família, mas para isso, contando com o auxílio de familiares ou companheiro, no que se refere à dupla jornada (família + pesquisa). Um dos entraves apontados por alunos/as que

compõem o Programa é mesmo o fato de existirem diversas atividades a serem conciliadas com as da pesquisa e do próprio PPG, além de tanto os homens quanto as mulheres afirmarem trabalhar, considera-se relevante o fato de ser atribuído cultural e tradicionalmente às mulheres o maior cuidado pelo lar acrescentando-se mais um item a essa jornada agora tripla (família + pesquisa + trabalho). Dentre os principais entraves citaram as dificuldades financeiras e o fato de ter que conciliar com o trabalho.

Referências

BITENCOURT, Silvana Maria. Gênero e Ciência: relevância e contemplação da temática no cenário brasileiro. In: **VIII Seminário Internacional Fazendo Gênero: corpo, violência e poder**. Florianópolis: Mulher. 2008.

BORZACCHIELLO, José da Silva. A Pós-Graduação em Geografia na América Latina. In: BORZACCHIELLO, José da Silva; LIMA, Luiz Cruz; DANTAS, Eustógio Correia. **Panorama da Geografia Brasileira**. São Paulo: Annablume, 2006, p. 281 - 295.

BRABO, Marcelino; ANTONELLI, Tânia Suely. **Gênero, Educação e Política: múltiplos olhares**. São Paulo: Ícone, 2009.

CHASSOT, Ático. **A ciência é masculina? É sim senhora**. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2003.

FERREIRA, Luiz Otávio (et al). Institucionalização das ciências, sistema de gênero e produção científica no Brasil (1939-1969). **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, v. 15, p. 43 - 71, 2008.

FOUCAULT, Michel. **A História da**

Sexualidade I: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FRÉMONT, Armand. **A Região, Espaço Vivido.** Almeida: Coimbra, 1980.

GOMES, Pulo César da costa. **Geografia e Modernidade.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

GUEDES, Moema de Castro. A presença feminina nos cursos universitários e nas pós-graduações: desconstruindo a ideia da universidade como espaço masculino. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, v. 15, p.117 - 132, 2008.

LAVILLE, Christian; DIONNE Jean. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas.** Porto Alegre: Atmed; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

LETA, Jacqueline. As mulheres na ciência brasileira: crescimento, contrastes e um perfil de sucesso. **Estudos Avançados**, v.17, n. 49, p. 271 - 284, 2003.

LOPES, Luciane Gomes. **Gênero na Pós-Graduação: um estudo de caso do Mestrado em Geografia da Universidade Federal de Rondônia.** 2011. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso Geografia) – Universidade Federal de Rondônia, UNIR. Porto Velho – RO.

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica.** São Paulo: Hucitec, 1978.

SANTOS, Cássio Miranda. Tradições e contradições da Pós-Graduação no Brasil. **Revista de Ciências Sociais**, v. 24, n. 83, p. 627 - 641, 2003.

SILVA, Fabiane Ferreira; RIBEIRO, Paula Regina Costa. Diferenças de gênero no campo da Ciência: um ensaio de análise sobre a presença feminina no CNPQ. In: **VIII Seminário Internacional Fazendo Gênero: corpo, violência e poder.** Florianópolis: Mulher. 2008.

SIENA, Osmar. **Metodologia da pesquisa científica: elementos para elaboração e apresentação de trabalhos acadêmicos.** Porto Velho: [s.n.], 2007.

SILVA, Joseli Maria. **Geografias Subversivas: discurso sobre espaço, gênero e sexualidades.** Ponta Grossa: Todapalavra, 2009.

SILVA, Joseli Maria. Um ensaio sobre as potencialidades do uso do conceito de gênero na análise geográfica. **Revista de História Regional**, v. 8, n. 1, p. 31 - 45, 2003.

YANNOULAS, Silvia Cristina; VALLEJOS, Adriana Lucila; LENARDUZZI, Zulma Viviana. **Feminismo e Academia.** V. 81, n 199, p. 425 – 45, Brasília: R. Brás. Est. Pedag., set/dez 2000.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração.** São Paulo: Atlas, 2004.

Sites Consultados:

www.cnpq.br
www.mestradogeografia.unir.br
www.periodicos.capes.gov.br
www.scielo.br
www.unir.br

Recebido em 28 de setembro de 2013.
Aceito em 15 de maio de 2014.